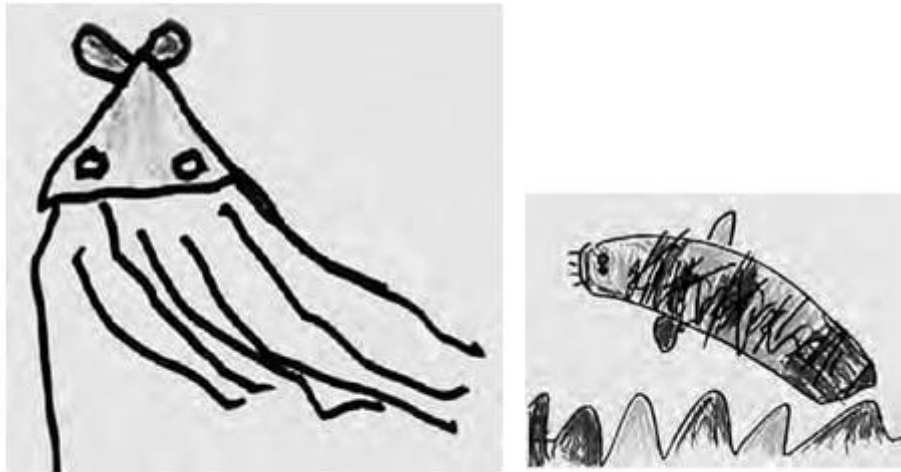


## **SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1**

### **Animais marinhos e suas medidas**

Relato da sequência didática da professora Adriana M. Pinto de Oliveira (Escola Miró – Ribeirão Preto/SP).

(O trabalho com grandezas deve ter relação com alguma exploração do ambiente para que as crianças aprendam o significado de uma prática social)



Desenhos feitos pelas crianças da Escola Miró, de Ribeirão Preto – SP

As medidas fazem parte do nosso cotidiano e, por isso, as crianças estão sempre em contato com elas. Desde bem pequenas, escutam quando os pais ou responsáveis pedem 200 gramas de carne no açougue, ou que às 10 horas vai começar o jogo na TV. Elas também já fazem suas relações na escola quando percebem um colega mais alto, um outro mais magro. Esses primeiros contatos com um vocabulário específico permitem afirmar que elas participam de algumas idéias transmitidas pelos adultos, aproximando-se de maneira contextualizada das palavras que implicam grandezas<sup>1</sup>.

Na pré-escola, o objetivo é incluir o tema oferecendo mais oportunidades para que as turmas possam dar sentido a algo prático, como a resolução de problemas na vida diária, quando o conteúdo resolve efetivamente uma questão. Inúmeras atividades foram propostas ao grupo

formado pelos pequenos de 4 e 5 anos da Escola Miró, em Ribeirão Preto – SP, para aprofundar significados já conhecidos e construir novos. Os objetivos eram promover a familiarização com unidades de medida de comprimento, apresentar instrumentos que ajudam a medir comprimento e utilizar unidades de medidas convencionais ou não para resolver problemas de comparação de tamanhos.

### **Tamanho da bicharada**

Durante o estudo sobre animais marinhos, as ações que envolviam medidas foram privilegiadas. Já sabíamos que um polvo gigante media 8 metros e que uma lula poderia ter até 17 metros. Levei, então, para a roda de conversa, várias publicações. Propus que procurássemos dados da mesma natureza sobre outros bichos para fazermos comparações. Dividi a sala em cinco grupos e eles iniciaram as explorações.

Professora – Como podemos encontrar essas informações? Alguém tem idéia?

Tiago – A gente procura os animais.

Duda – A gente procura os números.

Tiago – A gente mede com o lápis em cima.

Henrique – Mede com o dedo.

Deixei que investigassem. Dei um lápis ao Tiago. Quando os meninos encontravam uma imagem, usavam o utensílio para medir. Também utilizaram os dedos.

Professora – Será que os desenhos retratam a realidade?

Henrique – A baleia é bem maior.

Duda abriu um livro na parte do índice e disse que havia achado muitos números. Estava escrito:

Corpos de animais, 6

Cabeça de animais, 8

Borboletas e mariposas, 10...

Duda – Isso é o que tem no livro. Procuramos duas páginas indicadas para confirmar.

Falei um pouco sobre o que era um sumário, sua função. Enquanto isso, Isa, Tiago e Geórgiah identificaram um número em uma legenda e me pediram para ler.

Professora – Arraia encontrada por pescadores medindo 15 metros de comprimento.

Catharina – O que é comprimento?

Duda – É o tamanho.

Registramos a dimensão da arraia. João e Lipe se depararam com um tubarão-limão e também quiseram que eu lesse o texto ao lado da figura. Nele, continha mesmo informações sobre o animal e eles vibraram: “A gente achou!” Fizemos anotações e muitas relações. Como os pequenos ficaram empolgados com as primeiras descobertas, levei para nossos momentos de cantos revistas e enciclopédias para novas observações. Elaboramos um cartaz com recordes e

curiosidades sobre o assunto e adiamos nossa conversa sobre instrumentos de medida para outra oportunidade.



Fotos: arquivo Escola Miró

### **Nossas medidas**

Falamos sobre o tamanho dos pés e pedi que todos tirassem os calçados. Passei guache na sola e os carimbei em cartolinas. Depois, os pequenos fizeram comparações e agrupamentos: o dos pés compridos, o dos mais gordinhos, os maiores, os menores. Por fim, fizeram uma classificação decrescente e colaram-na em um cartaz, com o número de sapato correspondente de cada um. Fizemos o mesmo com as camisetas, verificando as etiquetas. Chegou, então, o momento aguardado.

Professora – Vamos descobrir nossos tamanhos?

Duda – Vamos ter de medir.

Professora – Como podemos fazer isso?

Antônio – Dá para medir com a régua.

Professora – O que mais podemos usar?

Isa – Tem uma fita de medir. Quando a costureira foi fazer a minha roupa para a apresentação do balé, ela usou.

Professora – Alguém sabe como chama?

Duda – Fita de medir.

Professora – O nome correto é fita métrica e quer dizer isso mesmo, Duda.

Levei para a roda uma fita métrica, um metro, uma trena e uma régua. Perguntei se eles conheciam aqueles instrumentos.

Tiago (mostrando a trena) – Isso dá para medir a casa.

Professora – Dá mesmo, Tiago. Depois podemos fazer o mesmo com a nossa sala. E esse (o metro), alguém conhece?

Catharina – Também é de medir.

Isa – Tem um monte de número também.

Professora – Vamos comparar todos? Vou colocar um ao lado do outro.

Antônio – Está igual! Olha: 10 aqui, 10 aqui...

Nesse momento, eles constataram que poderiam medir com qualquer um daqueles objetos, e que cada um é utilizado em situações específicas, ou seja, a fita métrica, em corte e costura; a trena e o metro, na construção civil; a régua, no desenho.



Professora – Alguém sabe como a gente chama essa medida? É 10...

Duda – Mede 10, mede 20...

Professora – Centímetro. Daqui até aqui tem 10 centímetros. Isso quer dizer 1 centímetro, 2 centímetros, 3 centímetros... 10, 20 e assim por diante.

Vamos contar quantas marquinhas tem cada centímetro?

Todos – 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10...

Professora – Cada um desses risquinhos corresponde a 1 milímetro. Então, 1 centímetro tem 10 milímetros.

Professora (com o metro na mão) – Esse instrumento se chama metro. Vocês já ouviram falar?

Catharina – É o tamanho.

Professora – Lembram quando a gente leu que um polvo gigante tinha 8 metros de comprimento?

Vocês disseram que isso queria dizer o tamanho dele. Vamos contar quantos centímetros tem 1 metro? Contamos até 100 e as crianças constataram que a resposta era 100 centímetros.

Continuei o estudo no dia seguinte, quando as medi individualmente e transferi suas dimensões para tiras de papel cartão. Elas as separaram em ordem decrescente e colaram-nas em um papelão.

Professora – João Pedro, você mede 100 centímetros, que a gente chama de 1 metro, e mais 20. Então, você tem 1 metro e 20 centímetros.

Repeti o procedimento com todos. Com o cartaz pronto, confrontamos os dados para saber quem era maior, menor e assim por diante. A intenção era fazer com que a turma atribuísse sentido ao utilizar unidades de medida em função de uma situação real, analisando a pertinência de usar um padrão externo quando a situação permite.

## **Medição com barbante**

Preparei uma atividade para que o grupo pudesse reproduzir alguns bichos pesquisados nos livros. Levei para a sala um rolo de barbante e o metro, e perguntei como deveríamos fazer. Várias crianças disseram que não seria possível avaliar porque eles eram bem maiores que os instrumentos disponíveis. Outros sugeriram a trena, só que ela media 3 metros e, para elas, era igualmente impossível prosseguir na empreitada. Depois de muita conversa, expliquei que poderíamos fazer de metro em metro. Elas se convenceram.

Questionei quantas de nossa turma seriam necessárias para reproduzir o polvo. Estiquei o cordão e elas perceberam que só ficando em pé ao lado da linha não era possível, pois, dessa maneira, o tamanho dos pés é que seria computado. Então, se deitaram e concluíram que era preciso de mais ou menos sete. A surpresa e o espanto foram ainda maiores ao constatarmos que necessitaríamos de muito mais para fazer a lula gigante.

Depois dessa experiência, cortei no barbante o tamanho correspondente de cada um e entreguei aos pequenos. Retomei as dimensões individuais na tabela confeccionada anteriormente e pedi que procurassem pela escola objetos de tamanhos similares. A meta era que achassem, pelo menos, dois itens. Bancos, corrimãos, trepa- -trepa, traves, pneus, linhas desenhadas no chão da quadra, escorregadores, cercas, pisos, troncos de árvores, folhas de bananeiras e até mesmo os jabutis não escaparam das aferições. Fizeram isso individualmente e em duplas. Muitas risadas, comparações e descobertas.

Terminada a busca, voltamos à sala e cada um falou sobre sua experiência. Solicitei que registrassem tudo com desenhos. O resultado da aprendizagem da meninada pôde ser visto durante as brincadeiras de faz-de-conta. Enquanto as meninas tiravam medidas de cintura, costas e punho das amigas para confeccionar roupas, os meninos mediam paredes, rodapés, bancos, mesas, desenhando e registrando tudo.

## **Vamos pesar?**

Para ampliar os conhecimentos adquiridos até aquele momento, resolvi trabalhar com outras grandezas, como as medidas de massa. Providenciei uma balança e levei-a para a sala. Na roda, perguntei se os pequenos sabiam o que era aquele objeto e sobre sua serventia.

Catharina – É uma balança e serve para pesar. A gente tem de ficar em pé em cima dela, sem sapato e pisar com os dois pés. Quando a gente faz isso, sai o resultado aqui.

Ana Elisa – Precisa ser sem sapato porque senão o peso fica mais grosso.

Professora – Fica o que mesmo?

Alice – Fica mais alto.

Catharina – Fica mais grande.

Professora – Vocês querem dizer que fica maior? É isso?

Isa – É, mais para lá, para o outro lado.

Duda – É, maior. Em vez de marcar o número que você pesa de verdade, fica no que você não pesa.

Professora – Vamos agora pesar cada um de vocês nessa balança? Que tal a gente fazer isso com e sem sapato para ver o que acontece?

Ana Elisa foi a primeira. Ao subir, ficaram registrados primeiro 22,8 quilos com sapato e, depois, 22,4 quilos descalça. Eles ficaram admirados com a diferença. Fizemos isso com todos. Alguns calçados eram tão leves que sequer havia diferença. Registramos os numerais e, em seguida, perguntei:

Professora – Ana Elisa pesa 22,4 o quê?

João – 22 peso.

Professora – Quando lemos a medida de vocês no cartaz, dizemos: Geórgiah mede 1 metro e 13 centímetros. Quando pesamos alguma coisa, como podemos falar? Quando vocês vão ao supermercado e pedem para o balconista pesar alguma coisa, como fazem?

Duda – Quando meu pai vai ao supermercado, ele pede: Me dá 2 quilos de salame. Professora – Então, como é que falamos?

Clara – A gente fala quilo.

Professora – O que mais compramos por quilo?

Crianças – Arroz, queijo, tomate, feijão, batata, carne...

Por conta disso, levei para a roda um pacote de 5 quilos de arroz, um com 2 quilos de açúcar e um com 1 quilo de sal. Perguntei quanto eles achavam que pesava cada um daqueles produtos. Disse-lhes que na embalagem havia essa informação. Logo a criançada foi encontrando as marcas e fazendo suas leituras.

Duda – O arroz pesa 5 quilos.

Vinícius (sobre o açúcar) – Isso pesa 2 quilos.

Henrique (sobre o sal) – Esse tem 1 quilo.

Perguntei quantos quilos teríamos se juntássemos o arroz e o sal. Depois, o arroz e o açúcar. Por fim, o açúcar e o sal. Perguntei também quantos sacos de 1 quilo precisaríamos para 5 quilos. Eles foram calculando e respondendo. Chegou a hora de verificar os resultados e, ao colocarmos cada um deles na balança, ficamos surpresos, pois ela não era apropriada para pequenas quantidades. Sugeri pôr dois itens – o arroz e o sal – e nada aconteceu. Colocamos os três de uma só vez e aí, sim, ela marcou 8 quilos. A felicidade foi geral.

<sup>1</sup>Trecho inspirado no currículo de Educação Infantil da cidade de Buenos Aires – Argentina.

## Ficha técnica

Escola Miró S/C Ltda. – Endereço: Rua Dr. Mário de Assis Moura, 380 – Jd. Nova Aliança –  
Ribeirão Preto – SP. CEP: 14026-578 – Tel.: (16) 3623-6255 / 3620-0552

E-mail: info@escolamiro.com.br

Coordenadora: Maria Cecília Nobrega de Almeida Augusto

Professoras: Adriana M. Pinto de Oliveira

Estagiária: Juliana Gaia

Para saber mais

- As cem linguagens da criança, Carolyn Edwards, Lella Gandini e George Forman. Ed. Artmed. Tel.: 0800-703-3444



- 
- Posted in [Revista Avisa Lá #35](#), [Tempo Didático](#) and tagged 2008, [Adriana M. Pinto de Oliveira](#), [centímetros](#), [ciências](#), [comparações](#), [grandezas](#), [matemática](#), [medições](#), [medidas](#), [método](#), [metros](#), [peso](#), [quilos](#).

## **SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2**

### **LEITURA E PRODUÇÕES DE TEXTOS DE GÊNEROS DIVERSOS COM CRIANÇAS DE 5 ANOS**

Relato do trabalho desenvolvido pela professora Lidiane Fernanda de Faria Santos, da Escola Municipal Maria Sales Ferreira - Belo Horizonte, MG.

Por meio da leitura de histórias, a criança desenvolve diversas formas de linguagem, amplia o vocabulário, exerce a imaginação e a criatividade. Ler histórias é um caminho que a leva ao desenvolvimento da leitura e da escrita de forma prazerosa e significativa. Por isso, proporcionar um ambiente repleto de livros de literatura é de grande importância na Educação Infantil. Além disso, é fundamental que ela tenha acesso a outros tipos de textos, de diferentes gêneros, também trazidos para a escola de forma significativa.

O livro "O carteiro chegou", de Janet e Alan Alberg, traz um interessante trabalho de intertextualidade entre contos infantis e outros gêneros textuais, permitindo uma variedade de atividades. A história gira em torno de um carteiro que realiza sua tarefa entregando correspondências para destinatários que são personagens das histórias de contos infantis tradicionais. No decorrer da história surgem, de dentro de cada envelope, textos de diferentes gêneros com diferentes propósitos comunicativos: carta, convite, folheto de propaganda, cartão-postal, intimação, dentre outros.

Antes de contar a história "O carteiro chegou", foi necessário apresentar para as crianças os contos a que o livro faz referência, como "Cachinhos dourados", "João e Maria", "João e o pé de feijão", "Cinderela" e "Chapeuzinho vermelho".

A história foi lida por partes para que as crianças pudessem conhecer cada correspondência recebida pelos personagens. Enquanto ouviam a história, elas ficavam encantadas com a possibilidade de descobertas que poderiam realizar com a abertura de cada envelope. Depois de ouvir a história, realizamos um reconto coletivo escrito, relativo a todo o caminho percorrido pelo carteiro durante a história.

Para que as crianças pudessem vivenciar experiências efetivas de produção escrita de diversos gêneros textuais, motivei-as para que entrassem no mundo da fantasia e escolhessem



um personagem de alguma história conhecida para se corresponderem. Como o nome da nossa turma era "Turma da Joaquina" e o interesse pelo assunto era grande, as crianças escolheram como sua interlocutora a personagem da história "Uma Joaquina diferente", de Regina Cecília Melo. Em algumas rodas de conversa, incentivei as crianças a refletir sobre o que escrever para a Joaquina, uma vez que ela não nos conhecia. Resolvemos, então, escrever-lhe uma carta apresentando a nossa turma, bem como um livro com a história ilustrada e escrita da turma e um cartão-postal sobre a escola, também com desenhos e texto. Criamos uma loja imaginária com o nome de "Ana Joana" e decidimos, também, escrever e enviar a ela um folheto de propaganda com desenhos dos produtos dessa loja que interessariam a uma Joaquina. Durante as discussões, as crianças perceberam que os gêneros textuais se materializam em diferentes situações comunicativas, que, em função de seus propósitos, apresentam estrutura e estilos específicos.

Os textos foram estruturados oralmente para então partirmos para a escrita. Durante algumas semanas, as crianças produziram textos coletivos de diversos gêneros para enviar para a personagem. No momento da produção dos textos e de sua escrita, assumi o papel de escriba e mediadora das discussões, conduzindo as crianças a levantar diversas hipóteses sobre o processo de escrita. Elas refletiram sobre a linguagem escrita, negociando o enunciado, percebendo intenções, objetivos e características da produção de cada gênero. Depois de escritas, as correspondências eram colocadas nos envelopes e enviadas para a personagem em um processo de fantasia e interação entre a turma e a Joaquina.

Entretanto, como apenas as crianças estavam enviando correspondências para a Joaquina, resolvi simular uma situação em que elas também receberiam uma carta enviada pela Joaquina. Minha intenção pedagógica era possibilitar, por meio da leitura da carta, o desenvolvimento de diversas estratégias de antecipação do significado do texto, nas quais as crianças colocariam em jogo tudo que sabiam para descobrir o que não sabiam. Assim, começando pela leitura do envelope, as crianças descobriram que estavam recebendo uma carta da "Joaquina diferente", pois reconheceram nele o endereço e o nome do remetente.

No momento da leitura, as crianças descobriram que se tratava de uma carta, identificando vários elementos da estrutura do gênero, como a data, o local, o vocativo e a despedida. Além disso, elas buscaram vários indícios contidos nas informações da carta que permitiram não apenas a confirmação das hipóteses levantadas como também a inferência e extrapolação do texto.

Mesmo sem saber ler e escrever convencionalmente, as crianças produziram e compreenderam a linguagem escrita por meio das atividades realizadas com o livro "O carteiro chegou".

**Sequência didática retirado do livro "Currículo na Educação Infantil: diálogo com os demais elementos da proposta pedagógica. Autoras: Fátima Salles e Vitória Faria, São Paulo/Ática, 2012.**

## PROJETO DIDÁTICO (1)

### BOLAS: O QUE PODEMOS FAZER COM ELAS?

LÍVIA NETTO

PARTINDO DA OBSERVAÇÃO ATENTA DO PROFESSOR É POSSÍVEL DESENVOLVER PROJETOS QUE POSSIBILITAM A RESSIGNIFICAÇÃO DE MATERIAIS UTILIZADOS NO COTIDIANO, ALIMENTAR AS PESQUISAS DAS CRIANÇAS, ORGANIZAR E ENRIQUE CER SUA EXPERIÊNCIA

Quem diria que um brinquedo tão antigo conhecido daria tanto "pano para manga"? Foi justamente o que aconteceu com o Grupo 2D (crianças de um e dois anos), em um colégio da Capital.

Tudo começou no período de acolhimento. Algumas crianças do grupo já frequentavam a escola e se conheciam; porém, com o início do semestre, as professoras mudaram de grupo e outras crianças estavam chegando à escola pela primeira vez. Esse é um período importante para pais, crianças e professoras. Nesse momento, recebíamos as crianças no parque, organizado em cantinhos: espaços delimitados com brinquedos de construção ou faz de conta e atividades plásticas como massinha ou desenho. Logo nesse período, já percebemos que, quando havia bolas disponíveis para brincar, as crianças se envolviam rapidamente, o que facilitava despedida dos pais.

Passamos então a investir em cantinhos com bolas no momento de entrada: bolinhas pequenas organizadas em bacias em volta de um tonel, bolas médias para jogar, chuvas de bolinhas e caixas com furos para encaixe das bolas. Oferecemos também outros tipos de bolas: bolinhas de pingue-pongue bolas com guizo dentro, bola grande (pilates), bolas médias e bolas de tênis. A investigação das crianças quanto aos movimentos possíveis de serem feitos com as bolas continuou e aconteceram alguns experimentos e rodas de conversa muito interessantes.

#### **Experimento:**

- *Essa pula! (J., com bolinha de tênis).*
- *Essa não pula Liva! (J., com a bolinha de sino).*
- *Pula! Pula! (E., jogando a bolinha de sino)*

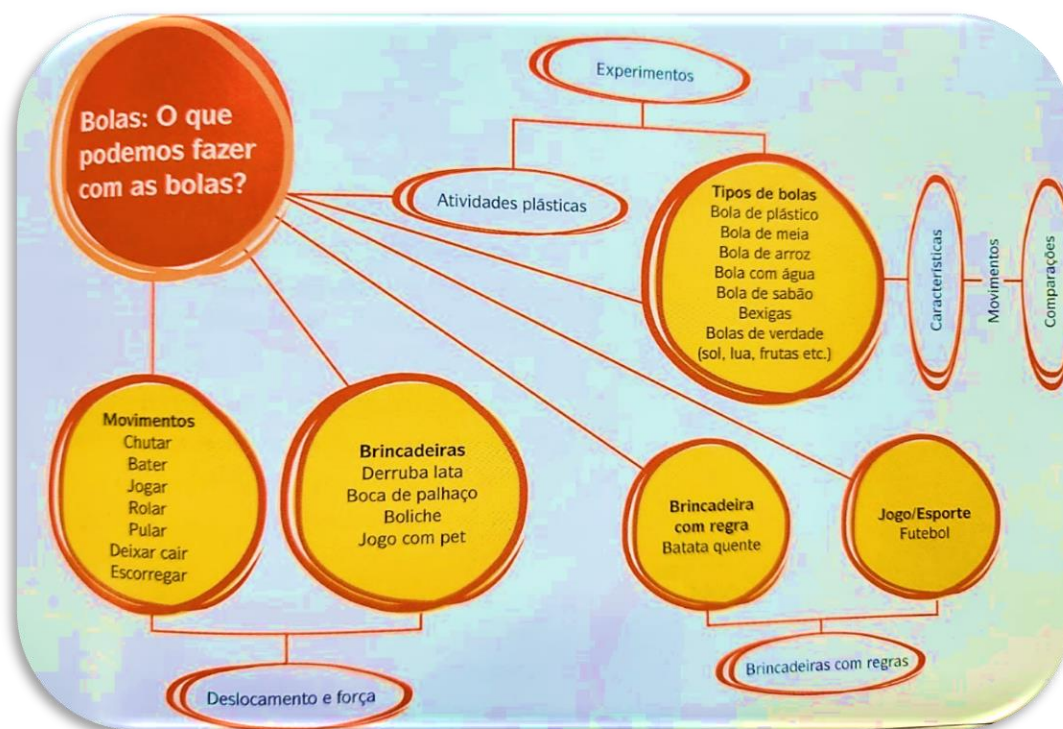
- É, ela pula. (J.).
- Essa pula! Ó! (E., com a bolinha de pingue-pongue).

### Roda de conversa:

- A gente gosta de brincar com bexiga! (Jorge)
- O que podemos fazer com as bolas? (Lívia)
- A gente pode chutar! (Jorge)
- Pula! (Miguel)
- Eu joguei bola com O papai. (Manuela)
- Eu joga com a mamãe! com O papai! (Maria Luiza)

Essas brincadeiras, conversas experiências proporcionaram momentos prazerosos e de troca entre as crianças do grupo; por isso, decidimos investir nessa brincadeira e fazer dela um projeto: “Bolas: O que podemos fazer com as bolas? .”

Essa temática permite diversos percursos que podem ser delineados e planejados. Considerando a faixa etária das crianças e os interesses demonstrados por elas, um Mapa foi elaborado, contemplando o que pretendíamos investigar trabalhar ao longo do semestre a partir do projeto<sup>1</sup>.



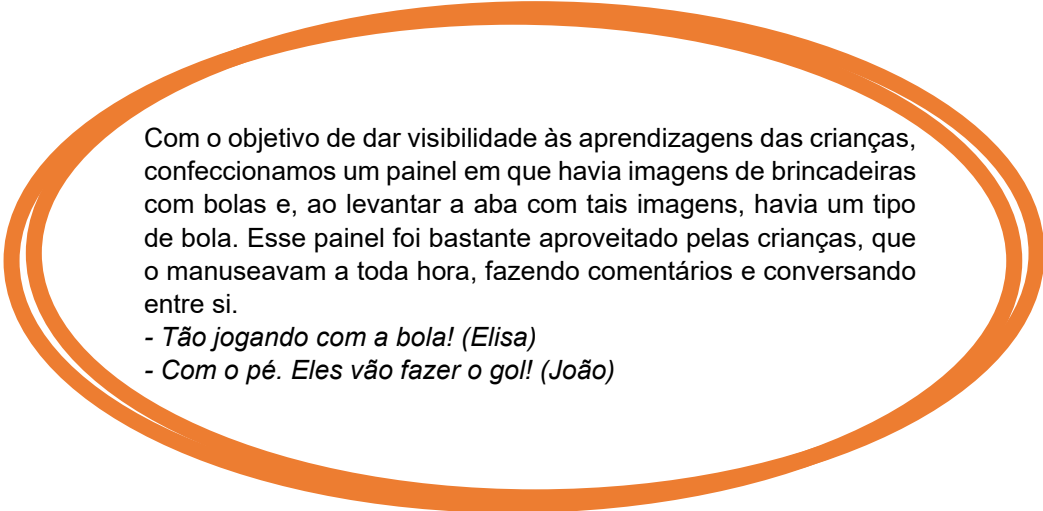
<sup>1</sup> O mapa é utilizado aqui como um recurso/instrumento de planejamento, que permite visualizar as possibilidades de investigação/ação, guiados por uma questão central, relacionadas de modo não linear ou sequencial. Ela permite estabelecer diferentes relações entre os conceitos, as questões ou experiências relacionadas á questão central, que auxiliarão o professor no estabelecimento progressivo de um percurso de investigação com seu grupo. O mapa também permite ao professor compartilhar suas ideias com o coordenador e outros professores.

Enviamos também um bilhete para os pais, contando sobre o projeto e envolvendo-os nessa pesquisa, convidando-os a dividirem com o grupo brincadeiras com bolas que conheciam, brinquedos, músicas, livros, entre outros materiais.

A partir daí as crianças começaram a trazer algumas bolas de casa e outros materiais, que enriqueceram as rodas de conversa e ampliaram os conteúdos a serem trabalhados. Por exemplo, quando M. trouxe uma bola de basquete e uma de tênis, conversamos sobre as características do material trazido e para que servia. Vale destacar que as conversas não se encerram em um dia, isto porque os questionamentos levantados são retomados com frequência, estimulando as crianças a procurarem respostas.

*- Essa é de basquete. Ela pula! Essa é de tênis! (M.)*

As brincadeiras como "derruba lata", "boca de palhaço", "boliche" e jogos com garrafa pet (encaixe e bilboquê) também contribuíram para as crianças entrarem em contato com esses conteúdos por meio de nossas intervenções e apoio.



Com o objetivo de dar visibilidade às aprendizagens das crianças, confeccionamos um painel em que havia imagens de brincadeiras com bolas e, ao levantar a aba com tais imagens, havia um tipo de bola. Esse painel foi bastante aproveitado pelas crianças, que o manuseavam a toda hora, fazendo comentários e conversando entre si.

*- Tão jogando com a bola! (Elisa)*

*- Com o pé. Eles vão fazer o gol! (João)*

As características dos diferentes tipos de bolas e algumas comparações entre elas igualmente foram tema de pesquisa. Por meio de conversas alimentadas com imagens, objetos, vídeos, músicas, experimentos e, é claro, muitas brincadeiras com as bolas, as crianças puderam perceber algumas diferenças entre os materiais:

*- É bola de sabão! (Elisa)*

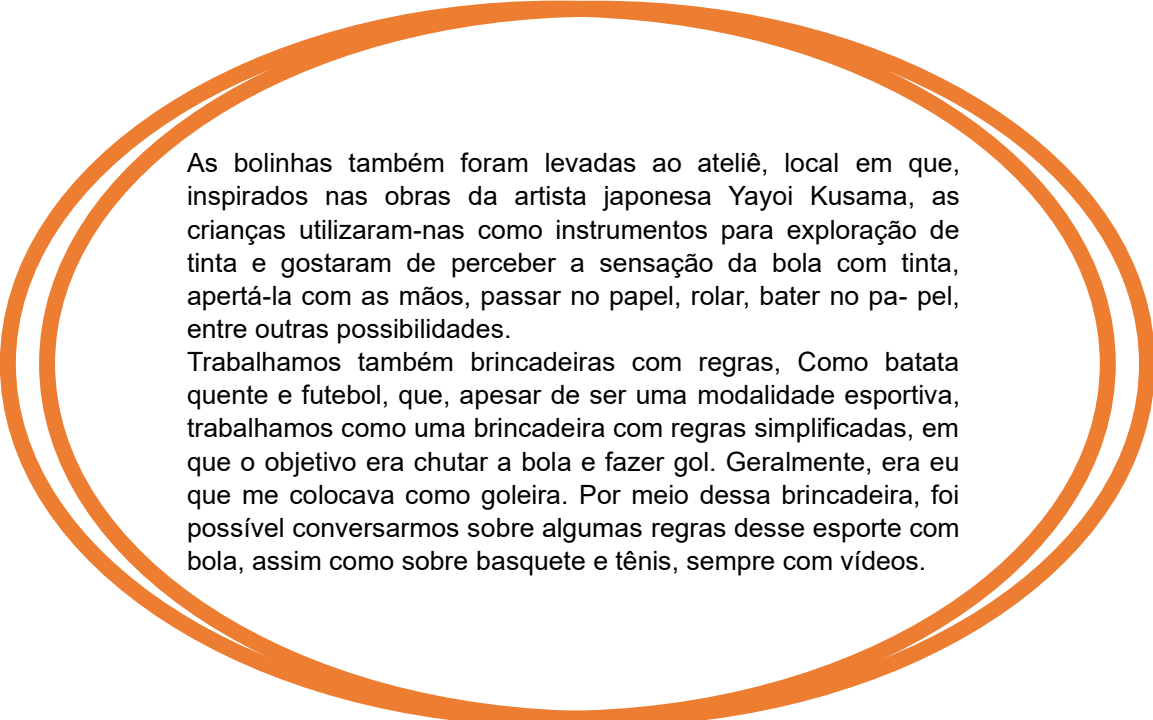
*- Como faz bola de sabão? (Livia)*

*- Assopra! (Miguel)*

*- E o que acontece? (Livia)*

*- Ela voa! (Miguel)*

Pelo fato de o projeto ter envolvido muitas experimentações, cantinhos temáticos e brincadeiras, convidamos a artista e educadora Lisa Gianetti para realizar uma vivência com as crianças, cujo objetivo era propiciar brincadeiras e movimentos possíveis de serem realizados com as bolas, complementando o trabalho que estávamos desenvolvendo a partir de materiais diferenciados e intervenções no espaço. Nesse dia ao entrarem na sala, as crianças ficaram surpresas ao verem um tecido grande transparente cheio de bolinhas dentro, no qual podiam mexer com as mãos, jogar para cima, pisar, escorregar rolar; enfim, as possibilidades de movimentos eram muitas e eles se divertiram principalmente quando pisavam nas bolinhas e escorregavam. Investigaram também como pegar as bolinhas de dentro do tecido, pois elas escorregavam pelas mãos; logo tentaram com as mãos, com os pés e até com a boca! As brincadeiras com as bexigas também foram interessantes. Lisa sugeriu que eles assoprassem; passassem as bexigas no rosto, no corpo; balançassem; enfim, uma infinidade de possibilidades.



As bolinhas também foram levadas ao ateliê, local em que, inspirados nas obras da artista japonesa Yayoi Kusama, as crianças utilizaram-nas como instrumentos para exploração de tinta e gostaram de perceber a sensação da bola com tinta, apertá-la com as mãos, passar no papel, rolar, bater no papel, entre outras possibilidades.

Trabalhamos também brincadeiras com regras, Como batata quente e futebol, que, apesar de ser uma modalidade esportiva, trabalhamos como uma brincadeira com regras simplificadas, em que o objetivo era chutar a bola e fazer gol. Geralmente, era eu que me colocava como goleira. Por meio dessa brincadeira, foi possível conversarmos sobre algumas regras desse esporte com bola, assim como sobre basquete e tênis, sempre com vídeos.

Para o encerramento do projeto e do semestre, convidamos os pais para participarem de um "Cantinho de bolas", com brinquedos e materiais utilizados em nossas experiências e brincadeiras para que as crianças os explorassem com os pais. Foi um momento muito agradável e prazeroso. As crianças ficaram muito animadas em mostrar para os pais suas brincadeiras, além de brincar com eles. Os pais adoraram estar "dentro" da escola e poder participar mais de perto da rotina escolar dos filhos.

## Projetos para pequenos

Na concepção de projeto adotada pela escola, o tema não surge como escolha direta das crianças, mas como resultado da exploração guiada que é observada e analisada pelo professor. É o professor quem traduzirá essas explorações em um tema que tenha potencial para despertar o interesse do grupo e permitir experiências ricas de aprendizagem.

Em se tratando de crianças dessa faixa etária, não há um produto determinado de antemão na criação do projeto, já que as crianças "desta idade tendem a estar imersas no momento imediato e no processo, em vez de no produto de sua atividade" (As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia, p. 255). Processo e produto mesclam-se na experiência das crianças e compõem um percurso contínuo de aprofundamento na relação das crianças com os temas e objetos presentes nas explorações. O papel do professor, ao documentar e guiar essas experiências, é costurar seus sentidos, dando visibilidade e favorecendo a expressão daquilo que as crianças estão vivenciando.

Um assunto não se encerra com um ponto final. Assim como um projeto não acaba ao final do semestre. Há uma imensidão de questões investigações, explorações e brincadeiras que ainda podem ser desenvolvidas. O que precisamos é fortalecer a busca por respostas, o caráter de investigador e pesquisador tão característico da infância. A partir daí e de um olhar atento e respeitoso do professor tudo é possível.

## A origem do uso da bola na Educação Infantil

Friedrich Fröbel (1782-1852), educador alemão com raízes na escola de Pestalozzi, foi o fundador do primeiro jardim de infância (Kindergarten) em 1837. Entre outras coisas, ele idealizou recursos sistematizados para as crianças se expressarem, dando o nome de "dons": a bola, o cubo e o cilindro.

Segundo Kishimoto<sup>3</sup>, ele considerava a bola o símbolo da unidade, que carrega a variedade, tendo um efeito educativo na inteligência da criança:

"Agora, desde que a força desenvolve-se e difunde-se per si só em todas as direções igualmente, livremente, e de modo desimpedido, sua manifestação externa resulta na esfera. Por tal razão são esféricas ou, em geral, de formas redondas a maioria das coisas na natureza, por exemplo, os corpos celestes, sol, planetas, luas, água em todos os líquidos, o ar e todos os gases e mesmo a poeira

Em toda sua diversidade e em meio de aparentemente incompatíveis diferenças de estruturas, a esfera parece ser a primitiva forma, a unidade da qual tudo na terra e na forma natural e estrutural é derivada. Assim, a esfera se parece com todas as formas e contém essencialmente a lei que contém todas elas. É a forma perfeita.

(The education of man. Ed, W. T. Harris. Trad. W.N. Hailmann.  
New York: D.Appleton, 1912c. [1887]. p.168-169)

## **PARA SABER MAIS**

### **Livros**

- Crianças, Espaços, Relações: Como Projetar Ambientes para Q Educação Infantil. Giulio Ceppi Michele ulZ (org.). Porto Alegre: Penso 2013.

Alegre: Penso 2013.

- O trabalho do professor na Educação Infantil. Zilma Ramos de Oliveira (org.). São Paulo: Biruta, 2015.
- Projetos pedagógicos na Educação Infantil, de Maria Carmen Silveira Barbosa 2

Maria da Graça Souza. Porto Alegre: Artmed, 2008.

### **Acesso online**

- Sobre Os mapas conceituais: <http://www.if.ufrgs.br/~moreira/mapasport.pdf>

## **FICHA TÉCNICA**

*Colégio Oswald de Andrade*

*Endereço:* Avenida Diógenes Ribeiro de Lima, 916 (Unidade Tipuana) Alto de Pinheiros. CEP: 05458-001 - São Paulo - SP

*Tel.:* (11) 3023-06356

*Coordenadora pedagógica:* Ieda Abbud

## **PROJETO DIDÁTICO (2)**

### **ESTAMPARIA - A ARTE COMO APRENDIZAGEM, COM CRIANÇAS DE 3 E 4 ANOS**

Relato do Projeto desenvolvido pelas professoras Adarléa Moreira de Andrade Rocha e Nádia Cristina de Cássia na Escola Trilha da Criança - Belo Horizonte, MG.

Começamos esse trabalho observando o livro "Moda: uma história para crianças", escrito e ilustrado por Kátia Canton e Luciana Schiller. O livro apresenta a história da moda pelo mundo todo, desde o início dos tempos até a atualidade. Desses relatos contidos no livro, optamos por trabalhar com as estampas que trazem um aspecto estético e de composição artística.

Estampas foram a nossa fonte de investigação e criação. Como o tema central do evento "Mostra Cultural" realizado anualmente na escola foi a África, escolhemos pesquisar e trabalhar sobre a "Estamparia africana".

Fizemos um passeio pelo continente africano através de imagens, mapas, vídeos e histórias. Neste caminho, conhecemos uma linda menina africana do livro "As Tranças de Bintou". Com a Bintou, conhecemos um pouco mais sobre a cultura africana, sua história e seus sonhos. As ilustrações do livro, com suas cores vibrantes, formas amplas de motivos da natureza como folhas e peles de bichos, chamaram a atenção das crianças.

E o que é mesmo uma estampa? Para responder a esta pergunta, trouxemos para as crianças diversos tecidos, com o objetivo de separá-los em dois grupos: tecidos lisos e estampados. Realizamos várias rodas de apreciação de estampas, chamando a atenção para a cor de fundo e para os desenhos. Nossa intenção era nutrir o olhar das crianças com imagens de estampas de qualidade estética.

Vimos que cada estampa tem um tema diferente, como flores, bolinhas, listras, peixes, linhas soltas, figuras geométricas, dentre outras.

A partir desse repertório, as crianças foram convidadas a criar suas próprias estampas, inspiradas em motivos africanos. Propusemos desenhos de observação e garantimos o fazer das crianças. Mas planejamos interferências adequadas, que possibilitassem avanços e o desenvolvimento do seu percurso individual. Geralmente, quando propomos um desenho de



observação às crianças, chamamos sua atenção em relação a vários aspectos do objeto a ser desenhado. Quando elas registram no papel, percebe-se que captaram uma estrutura: não uma estrutura simples, mas rica em detalhes, que olhos desprevenidos não captariam. Assim, percebemos que, a cada atividade do tipo, as crianças ficam mais à vontade. Desenhar observando é algo que já faz parte de seu universo.

Para conhecer um pouco sobre o processo de criação de uma estampa, visitamos o laboratório de estamparia do curso "Designer de moda" da Fumec". Enviamos, anteriormente à visita, por solicitação do professor desse curso, algumas produções feitas pelas turmas. As crianças ficaram surpresas ao apreciarem os próprios desenhos numa tela que seria preparada para estampar um tecido de verdade! Nesse contexto, foram convidadas a escolher uma cor para a nossa primeira estampa. A cor eleita foi "laranja queimado". Parecia mágica, como disse uma criança, mas era uma técnica de estamparia! O desenho foi para uma tela e depois foi estampado em um tecido, "americano cru". Com o tecido estampado, foi confeccionada uma sacola para cada criança.

No dia da "Mostra cultural" da escola, apresentamos o desfile da coleção de estampas criadas pelos nossos "designers mirins", com temas de flores, geométricos, com reprodução das peles de bichos, desenhadas no americano cru, utilizando canetas para tecido. Com a ajuda dos pais, esses tecidos foram transformados em roupas, que vestiram suas bonecas e bonecos.

A realização desse projeto teve como pressuposto a ideia de que, para se projetar uma estampa em qualquer tecido, existem critérios estéticos de composição a serem respeitados, tais como: formas, cores, distribuição espacial, posição e repetição. É isso que garante a qualidade artística da criação e o valor estético do trabalho de arte com as crianças. Nesse processo, sempre é preciso ter um começo, um meio e um fim para que as crianças se apaixonem cada vez mais pela arte como possibilidade educativa.

---

**Projeto didático retirado do livro "Currículo na Educação Infantil: diálogo com os demais elementos da proposta pedagógica. Autoras: Fátima Salles e Vitória Faria, São Paulo/Ática, 2012. Páginas: 190, 191, 192, 193.**